

Juventude e participação

Claudia Mayorga

Introdução

No contexto contemporâneo, os jovens têm sido frequentemente analisados como sujeitos desinteressados pelas questões sociais e públicas, como aqueles que não se mobilizam para ações coletivas em prol da vida comum, cujas principais preocupações são de caráter individualista, consumista e a-político.¹ Sua inserção social é analisada a partir dos parâmetros do desinteresse, da indiferença e da apatia. Cabe a nós perguntar: a inserção dos jovens no contemporâneo pode mesmo ser interpretada dessa maneira?

Uma primeira observação a fazer diante dessas análises é que o individualismo não é um problema da juventude do nosso tempo, mas um problema bem mais geral e que afeta diversas gerações e grupos sociais. Um princípio fundamental dessa ideologia é a ideia de que o indivíduo, através do seu esforço e dedicação individual, poderá superar as adversidades encontradas nas relações interpessoais, sociais e políticas. O que esse discurso oferece aos sujeitos e, conseqüentemente, aos jovens, é a possibilidade de adaptação a um sistema social mais amplo que dependerá, fundamentalmente, da capacidade individual de inserir-se nele, desfocando, portanto, os olhares da possibilidade de pensar a sociedade como um sistema de relações e funções complexas, em que a capacidade da autodeterminação individual não se dá de forma isolada de um contexto social mais amplo.²

Outra observação a ser feita diante das análises anteriores é que muitas formas de engajamento e participação dos jovens têm sido invisibilizadas uma vez que os parâmetros para analisá-las se dão em relação a experiências de jovens de outras gerações e também de classes sociais específicas (o movimento estudantil nos anos 1970 no Brasil, por exemplo), bem como a partir de uma comparação com formas mais institucionalizadas de participação social e política (movimento estudantil, sindicato, partidos políticos). Optar por esse caminho impede que vejamos e reconheçamos outras formas de participação juvenil marcadas por originalidade, ressignificação da esfera política e das formas de engajamento dos jovens nas questões públicas.³ Tal posição

1. Ver MÉNDEZ. *Infância e adolescência na América Latina*; WELTI. *Adolescents in Latin America: Facing the Future with Skepticism*; STOLLE; HOOGHE. *Review article: Inaccurate, Exceptional, One-sided or Irrelevant? The Debate about the Alleged Decline of Social Capital and Civic Engagement in Western Societies*; entre outros.

2. ELIAS. *A sociedade dos indivíduos*.

3. BAUGNET. *Participation associative et rapport au politique: l'engagement social des jeunes*; MAHEIRIE. *Música popular, estilo estático e identidade coletiva*; GAUTHIER; GRAVEL. *La participation des jeunes à l'espace public au Québec, de l'associationnisme à la mobilisation*; FERREIRA. *Os jovens e a cidadania política e social na Europa*.

impossibilita, por exemplo, que a inserção de jovens no movimento *hip hop* nas periferias das grandes cidades brasileiras seja interpretada como inserção política que busca lutar contra a desigualdade social, a estigmatização dos jovens negros e favelados, o racismo e a violência contra moradores das periferias.

A seguir, indicamos quais os processos que têm levado os jovens a se engajarem, como podem construir essas formas de participação e o que querem com essa inserção. Veremos, diante do que será exposto, que chamar de apatia e desinteresse as formas de participação dos jovens não leva em consideração o papel importante que os mesmos podem ter e de fato têm desempenhado em contextos sociais diversos.

Por que os jovens querem participar?

Os motivos que levam os jovens a se envolverem em ações sociais e políticas, coletivas e cidadãs são variados. Destacamos que nesse processo de envolvimento para a participação nem sempre os jovens possuem consciência absoluta acerca dos motivos que os levam a participar em tantos espaços: comunidade, escola, grêmios estudantis, grupos e movimentos culturais, redes de comunicação e Internet, atividades audiovisuais, grupos esportivos etc. Isso porque o engajamento para a participação é um processo contínuo e não linear, processual e inacabado, no qual os sujeitos históricos se constroem e reconstróem a cada instante. Ação e reflexão como dimensões indissociáveis dos seres humanos possibilitam que o envolvimento de um jovem na rádio comunitária, por exemplo, transforme seu entorno, mas transforme também a si mesmo fazendo do engajamento social um *locus* privilegiado de transformação contínua de si e do mundo.

Nesse processo contínuo, a construção de posicionamentos críticos diante das relações, da sociedade e do mundo é algo permanente, mas que demanda alguns aspectos que são fundamentais para o refletir e agir críticos: desnaturalização e historicização das relações sociais; análise das relações de subordinação como sendo relações de opressão, consciência de si como ator social e, portanto, capaz de colaborar com a construção de si e da sociedade.

Frequentemente todos nós – e também os jovens – vivemos uma aproximação espontânea do mundo cuja heterogeneidade nos exige uma economia de pensamento e um agir baseado em explicações rápidas e naturalizadas do mundo.⁴ Olhamos para o mundo e repetidamente interpretamos injustiças, desigualdades, hierarquias sociais como sendo fruto da ordem natural das coisas. Muitas vezes, observamos, produzimos e reproduzimos relações sociais sem questionarmos que as mesmas são fruto de uma construção histórica, que se transformaram ao longo do tempo e que podem ainda se transformar. Quando fazemos questionamentos sobre o porquê das coisas, relações e discursos, quando estranhemos aquilo que parece tão natural e óbvio, estamos começando um exercício de desnaturalização necessário para o pensamento e o agir críticos.

Historicizar os fatos, isto é, contextualizar na história as relações sociais, é um exercício que pode possibilitar aos sujeitos a construção de posicionamentos mais autônomos em relação às instituições e grupos. Tal posição faz com que os sujeitos se sintam menos à mercê do mundo,

4. HELLER. *O cotidiano e a história*.

de um mundo determinado *a priori* e mais sujeitos e atores da sociedade. Saber, vivenciar e sentir que as coisas são como são porque os seres humanos construíram o mundo dessa maneira, nos faz sentir mais responsáveis pela transformação desse mesmo mundo. Assim, somos moeda e matriz da sociedade.⁵

5. ELIAS. *A sociedade dos indivíduos*.

Desnaturalizar e historicizar as relações sociais pode permitir que relações muitas vezes compreendidas como de subordinação, naturais e necessárias para que a ordem social funcione dessa ou daquela maneira, passem a ser reinterpretadas e vivenciadas como situações de opressão. Por exemplo: o jovem negro que internalizou o discurso naturalizado de que os negros são incapazes ou que são capazes somente em determinadas atividades, o que justificaria que negros ocupassem determinados cargos restritos na sociedade, quando vislumbra que tal subordinação apresentada como natural é, a partir de uma análise mais ampla, o resultado de uma relação de opressão, poderá passar a se incomodar com esses discursos. Um sentimento de injustiça social pode tomar seu pensamento e o engajamento em ações cidadãs, sociais e políticas pode acontecer. Essa *virada analítica* é característica do pensamento crítico e muitos jovens vivem isso em contextos sociais diversificados. Tal virada certamente ganha força quando se dá de forma coletiva, compartilhada com outras pessoas.

As formas de participação: a construção de um “nós”

Diante desse incômodo – que pode ser devido a algum sentimento de injustiça, mas também por vontade de participar da construção da vida comum – muitas vezes os jovens vão se associar em movimentos, organizações e grupos de diversos tipos. A transformação de uma indignação ou incômodo individual em ação coletiva também é um processo contínuo, complexo e não linear que poderia ser resumido pela noção de identidade coletiva.⁶ Pertencer a um coletivo por vezes consiste em um processo de construção contínua de um “nós”, cujos objetivos, definição de bandeiras, interpretações sobre a realidade vivida, ações e realizações, lugares de atuação, adversários e aliados vão ser continuamente construídos – possuem periodicidade variada e vínculos também heterogêneos. Um grupo juvenil pode realizar ações pontuais ou realizar um conjunto de ações mais a longo prazo, mas as dinâmicas interna e externa que marcam a construção dessas ações vão ser muito semelhantes em vários aspectos. Compartilhar incômodos, sonhos, olhares, saberes, ideias e conhecimento é algo que pode marcar o encontro entre esses jovens que, ao reunirem-se para atuar em redes de informação, por exemplo, podem ser bastante inventivos e criativos. Além do mais, isso sempre se dá em relação ao mundo que se vive e ao mundo em que se quer viver.

6. MELUCCI. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*.

Referências

- BAUGNET, Lucy. Participation associative et rapport au politique: l'engagement social des jeunes. In: ROUDET, Bernard. (Org.). *Des jeunes et des associations*. Paris: L'Harmattan, 1996. p. 37-52.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FERREIRA, Pedro Moura. Os jovens e a cidadania política e social na Europa. In: CASTRO, Lucia Rabello de; CORREA, Jane (Orgs.). *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: Nau / Faperj, 2005. p. 31-56.
- GAUTHIER, Madeleine; GRAVEL, Pierre-Luc. La participation des jeunes à l'espace public au Québec, de l'associationnisme à la mobilisation. In: GAUTHIER, Madeleine. (Org.). *La jeunesse au Québec*. Québec: Presses de L'Université Laval, 2003. p. 91-104.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- MAHEIRIE, Kátia. Música popular, estilo estático e identidade coletiva. *Psicologia política*, v. 2, n. 3, p. 39-54, jan./jun. 2002.
- MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MÉNDEZ, Emílio García. *Infância e adolescência na América Latina*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- STOLLE, Dietlind; HOOGHE, Marc. Review Article: Inaccurate, Exceptional, One-sided or Irrelevant? The Debate about the Alleged Decline of Social Capital and Civic Engagement in Western Societies. *British Journal of Political Science*, n. 35, 149-167, 2004.
- WELTI, Carlos. Adolescents in Latin America: Facing the Future with Skepticism. In: BROWN, B. Bradford; LARSON, Reed; SARASWATHI, T. S. *The World's Youth: Adolescence in Eight Regions of the Globe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 276-306.

Claudia Mayorga é doutora em Psicologia Social pela Universidad Complutense de Madrid (Espanha). É professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-graduação em Psicologia. Áreas de pesquisa e atuação: Psicologia social e feminismo com os seguintes temas: Gênero, relações raciais e política; Migrações internacionais; Juventude e participação; Psicologia comunitária; Políticas públicas e Participação social.
e-mail : mayorga.claudia@gmail.com